

18º Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora

2023 - 2026



www.arquidiocesedepassofundo.com.br

ÍNDICE:

Apresentação do Arcebispo Dom Rodolfo	02
Introdução ao Plano	03
1. Marcas de nosso tempo.....	05
2. Objetivo da CNBB.....	12
3. Objetivo da Arquidiocese.....	17
4. Vida comunitária como realização da Igreja de Cristo.....	17
5. Pilares da comunidade cristã.....	22
a) <i>Palavra</i>	22
b) <i>Pão</i>	23
c) <i>Caridade</i>	25
d) <i>Missão</i>	28
6. Cronograma	32

Copyright @ Arquidiocese de Passo Fundo- RS

Arquidiocese de Passo Fundo

2023

Centro Arquidiocesano de Pastoral

Rua Coronel Chicuta, 436, Sala 210

Fone: 54 3045 9204 (Whatsapp)

99010-051 - Passo Fundo - RS - Brasil

centrodepastoral@arquidiocesedepassofundo.com.br

18^o

**Plano Arquidiocesano
da Ação Evangelizadora
da Arquidiocese de
Passo Fundo/RS
2023-2026**

OBJETIVO DA ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO

**Evangelizar,
na Arquidiocese de Passo Fundo,
anunciando a Palavra de Deus,
como discípulos missionários de Jesus Cristo,
vivendo fraternalmente em comunidades eclesiais missionárias,
celebrando a fé, partilhando o pão,
no compromisso com a justiça do Reino de Deus,
cuidando da Casa Comum,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
na esperança da vida eterna.**



APRESENTAÇÃO

A Igreja está no mundo e no mundo cumpre o mandato de Jesus Cristo: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura!” (Mc 16,15). O 17º Plano da Ação Evangelizadora foi programado para os anos de 2016 – 2019. Estava previsto para 2020 fazermos o 18º Plano, mas a pandemia da covid-19 forçou mudanças.

Fazer e rever planos é uma necessidade. É preciso confirmar e aperfeiçoar ações que estão atingindo os objetivos. É preciso modificar, adaptar ações para que sejam mais efetivas. Outras ações precisam ser deixadas de lado porque não respondem mais no contexto eclesial e histórico. Principalmente, é preciso descobrir e abraçar novos caminhos ainda não assumidos.

Fazer planos de evangelização é um sinal de fé, esperança e caridade. Fé como obediência à voz de Deus e concordância com tudo o que nos ensinou. Esperança porque a Deus nada é impossível e o Evangelho é sempre é Boa Nova. Caridade porque não podemos ficar indiferentes diante da multidão que caminha como ovelhas sem pastor, sem pastoral.

O 18º Plano é um instrumento valioso para realizar a evangelização na Arquidiocese de Passo Fundo de forma sinodal. Esta forma é resumida na expressão latina “modus vivendi et operandi”: significa o jeito de viver e de agir da Igreja. Em outras palavras: se os batizados na Arquidiocese não caminham juntos, não somos efetivamente Igreja de Cristo e não vamos concretizar o 18º Plano.

Na Exortação Apostólica *EVANGELII GAUDIUM* o Papa Francisco exortou que a Igreja precisa de “Evangelizadores com espírito (...) que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (259); que rezam e trabalham (262), porque a “missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (268).

Pelo olhar materno e a intercessão de Nossa Senhora Aparecida cheguem as bênçãos de Deus sobre a Arquidiocese de Passo Fundo.



Dom Rodolfo Luís Weber
Arcebispo

Introdução ao Plano

A ação evangelizadora, compromisso e razão de ser da Igreja, é dinâmica e permite a todos os envolvidos, abertos à ação do Espírito Santo, estarem presentes nas realidades do mundo em vista do anúncio da Boa Notícia do Reino de Deus.

A missão evangelizadora é uma caminhada onde se dá a troca de dons. O agente evangelizador, ligado a uma comunidade de fé, atuando em fidelidade ao compromisso batismal, assume a condição de discípulo missionário. Partilha o que sabe e acredita e recebe também muitos dons, sem jamais se sentir pronto ou acabado, mas evoluindo segundo os critérios do Reino.

Paulo VI ressalta esta riqueza de pensar evangelização, ao afirmar que: “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor” (EN¹ 15). E assim “a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade” (EN 15). É uma intuição constante nos processos de planejamento, atuação, avaliação, celebração e edificação de si e do Reino de Deus.

A experiência dos dezessete processos de planejamento e consequentes Planos de Pastoral da nossa Arquidiocese buscou responder ao desejo contínuo da Igreja em estar a caminho, dialogando com os diferentes contextos, com uma proposta coerente, tanto ao anúncio e à vivência do Evangelho.

O 18º Plano de Pastoral, fiel a esta tradição, pretende ser um instrumento para auxiliar a missão da Arquidiocese como um todo, mas também das paróquias, comunidades, movimentos, pastorais e grupos eclesiais a terem uma caminhada conjunta. Não será uma receita com ideias prontas,

1 Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI ao Episcopado, ao Clero, aos Fiéis de toda a Igreja Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, 08 de dezembro de 1975.

mas uma colaboração importante, a fim de manter o processo evangelizador, resguardando a dimensão sinodal e caminhando juntos.

É salutar entender que estamos sempre em comunhão com a missão da Igreja universal, o todo eclesial. Como diz o Papa Francisco: “O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós” (EG² 235). Este Plano de Pastoral nos insere nesta esteira de comunhão. Somos uma Arquidiocese formada por paróquias e comunidades que não são isoladas. Somos comunidades que caminham juntas, respeitando as particularidades e realidades de cada uma.

Tendo presente esta referência o texto parte da leitura da realidade mais universal. Para isso, olhando mais longe, inspiramo-nos nas constatações da Encíclica *Fratelli Tutti*, especificamente o capítulo primeiro, O texto é complementado descrevendo alguns elementos da realidade da região de Passo Fundo a partir das pontualizações encontradas na síntese arquidiocesana do Sínodo.

Uma segunda etapa do texto do Plano nos ajudará a permanecer em sintonia com a Igreja do Brasil, a CNBB e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o período de 2019-2023, prorrogadas até 2025. Além do objetivo da CNBB, teremos as orientações para preparar a ação pastoral na Arquidiocese, cuja imagem é representada como a CASA com seus pilares da Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

Enfim, chegamos ao contexto Arquidiocesano e o objetivo da ação evangelizadora para a Igreja Particular de Passo Fundo, com todas as suas comunidades eclesiais missionárias. Neste contexto, o Plano vai falar justamente da importância da comunidade eclesial, para mantermos o firme propósito: “Não deixemos que nos roubem a comunidade” (EG 92). E esta comunidade com a imagem da Igreja CASA, terá propostas de atividades

2 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre O Anúncio do Evangelho no Mundo Atual, 24 de novembro de 2013.

pastorais a serem realizadas em todos os níveis da Arquidiocese, assumidas por todos os envolvidos na ação evangelizadora, estabelecendo vínculos afetivos e efetivos com a realização do Reino de Deus.

1. Marcas do nosso tempo inspirada pela Encíclica *Fratelli Tutti* e Síntese do Sínodo Arquidiocesano

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* inicia afirmando que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. [...] Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (n.1). A Síntese Arquidiocesana do Sínodo também destaca a relação da fé com a vida, de ser Igreja no mundo ao afirmar que: “a Igreja caminha junto à realidade – não é inimiga do tempo presente – mas quer colaborar para fazer deste mundo um lugar bom para se viver”.

O Papa Francisco, em 2020, presenteou a humanidade com a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – sobre a Fraternidade e a Amizade Social (FT), uma leitura atualizada das preocupações da Igreja quanto à realidade das relações entre as pessoas no mundo. Temos nesta Carta Encíclica chaves de leitura para analisar o contexto mundial e local em que vivemos para propor ações situadas e conscientes em vista do Reino de Deus, estas dialogantes com as diretrizes gerais da CNBB e, conseqüentemente, com a realidade da Arquidiocese de Passo Fundo. Consideramos a seguir a reflexão do primeiro capítulo da *Fratelli Tutti* – As sombras de um mundo fechado – em relação com a Síntese Arquidiocesana do Sínodo do ano de 2022 para apresentar o contexto mais amplo que envolve a caminhada evangelizadora da Igreja no mundo.

a) *Sonhos desfeitos em pedaços*. Descreve-se, no documento, o

“retrocesso histórico”, quando a humanidade, ao invés de aprender com os fracassos e guerras do passado, vive uma “terceira guerra mundial em parcelas”, com fortes marcas de nacionalismos extremados e de “perda do sentido social”. A globalização trouxe consigo a massificação com a consequente fragilidade das identidades particulares e o esvaziamento do sentido comunitário, como afirma o Papa: “encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, nos quais as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores” (FT³, n. 12). Diante dessa realidade, destacamos a reflexão da Síntese Arquidiocesana do Sínodo de que ““sem a comunidade a vida ficaria vazia, mesmo com as divisões e dificuldades’. Percebe-se que a experiência comunitária dá muito sentido à vida dos batizados! ” (Síntese PF, nº 1). Esta vida comunitária é educadora e formadora de verdadeiros cristãos inseridos no mundo. Um desafio para a evangelização.

b) *O fim da consciência histórica*. O Papa Francisco chama atenção para “novas formas de colonização cultural” (FT, n. 14). É uma maneira de “desconstrucionismo cultural”, que ao negar a história e a identidade de um povo lhe impõe um novo modo de ser. Isso se dá inclusive, pela relativização de conceitos fundamentais, tais como democracia, liberdade, justiça e experiência religiosa. Algumas dessas expressões “foram manipuladas e desfiguradas para serem utilizadas como instrumentos de domínio, como títulos vazios de conteúdo, que podem servir para justificar qualquer ação” (FT, n.14). Em âmbito eclesial arquidiocesano, a participação na vida pastoral sente o limite da formação e atuação das novas lideranças. A síntese do sínodo provoca uma reflexão sobre “o saudosismo de tempos em que a Igreja tinha força para se impor e a impressão de que é possível cativar os jovens com estes ideais autoritários, ou seja, vibrar quando aparece uma liderança autoritária.

3 Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco sobre A Fraternidade e a Amizade Social, 03 de outubro de 2020.

Fica-se entre o passado e o futuro, entre voltar ao que não se tem mais ou ousar avançar no que nunca foi feito” (Síntese PF⁴, nº 8). Formação de novas lideranças com ousadia evangélica é um desafio.

c) *Sem um projeto para todos*. A ausência de compromisso com um projeto comum é constatada na cultura do imediatismo e do vazio. Até mesmo o desânimo ou o desinteresse podem ser sintomáticos: “a melhor maneira de dominar e avançar sem entraves é semear o desânimo e despertar uma desconfiança constante, mesmo disfarçada por trás da defesa de alguns valores. Usa-se, hoje, em muitos países, o mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar. Com várias modalidades, nega-se a outros o direito de existir e pensar e, para isso, recorre-se à estratégia de ridicularizá-los, insinuar suspeitas sobre eles e reprimi-los” (FT, n. 15). A perspectiva de superação dessa lógica está na consciência coletiva, não só o cuidado individual da vida, “precisamos nos constituir como um “nós” que habita a Casa Comum” (FT, n. 17). O sínodo na Arquidiocese chamou a atenção para a crise do compromisso comunitário. Há forte tendência ao passivismo e autoritarismo. “Às vezes, deseja-se o título e não o serviço” (Síntese PF, nº 5). Somos interpelados pela necessidade de uma evangelização caracterizada como um projeto comum arquidiocesano.

d) *O descarte mundial*. Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco denuncia a lógica do descarte que considera pessoas dispensáveis em vista do lucro. “Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites” (FT, n. 18). É o descarte dos pobres, dos idosos, dos trabalhadores, dos negros, considerados não dignos de participação social... Não à cultura do descarte! Também nesse sentido é preciso atenção para as novas formas de pobreza: “a pobreza sempre se analisa e se compreende no contexto das possibilidades

4 Síntese Arquidiocesana do Sínodo da Igreja, Comunhão, Participação e Missão. 30 de julho de 2022. Disponível em: <Síntese Arquidiocesana do Sínodo 2021-2023 - Formação - Arquidiocese de Passo Fundo>.

reais de um momento histórico” (FT, n. 21). A Síntese Arquidiocesana do Sínodo afirma que “a maior distância constatada no “caminhar juntos” está nas periferias dos grandes centros. A presença eclesial restringe-se a algumas celebrações e práticas de assistência. Nestes ambientes algumas pessoas chegam a dizer que se sentem discriminadas e não acolhidas pela Igreja por serem pobres [...] É forte o grito de socorro dos pobres marginalizados. Eles encontram ajuda assistencial na Igreja Católica e por causa disso expressam gratidão. Porém, sentem certa exclusão das celebrações - sem espaço, sem conseguir participar por inteiro, pois sentem a Igreja distante deles. É a exclusão religiosa já denunciada na Exortação *Evangelii Gaudium* n. 200. Somos desafiados a recuperar processos e experiências de acolhida e participação ampla na nossa arquidiocese, dialogante com novos grupos e periferias existenciais e reais.

e) *Direitos humanos não suficientemente universais*. Constatase que a dignidade humana, que a defesa dos direitos humanos também é relativizada a partir da ótica econômica, de polarizações e fundamentalismos: “Persistem hoje, no mundo, inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem” (FT, n. 22). É o que explicita a concentração de renda, às condições de trabalho análogas à escravidão, o tráfico de pessoas e de órgãos, a diferença de salários entre homens e mulheres no mesmo ofício... Além das situações de violência contra as mulheres, “porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos” (FT, n. 23). O anúncio do Evangelho tem implicações sociais na construção de um mundo de irmãos.

f) *Conflito e medo*. O medo perpassa a sociedade atual, de acordo com a conveniência de “certos interesses fundamentalmente econômicos” (FT, n. 25). É a lógica dos “muros” que quebra com a relação comunitária: “criam-se novas barreiras de autodefesa, de tal modo o mundo deixa de existir

para que haja apenas o ‘meu’ mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável, passando a ser apenas ‘os outros’(FT, n. 27). Na dinâmica da autoproteção se fortalecem as práticas individualizadas e excludentes, tanto na vida social quanto eclesial. Reforçar os vínculos comunitários e as celebrações da Palavra de Deus como força para vencer o medo e superar o conflito é urgente.

g) *Globalização e progresso sem um rumo comum.* São inegáveis os avanços tecnológicos, na ciência, na indústria, no bem-estar..., porém, estão sendo contrapostos à ética, aos valores espirituais e ao sentido de responsabilidade (cf. FT, n. 29). “A tecnologia avança continuamente, mas ‘como seria bom se o aumento das inovações científicas e tecnológicas correspondessem também uma equidade e uma inclusão social cada vez maiores!’” (FT, n. 31). A evangelização deve ter como horizonte o bem comum, sinal do Reino anunciado por Jesus e assumido pelo magistério eclesial.

h) *As pandemias e outros flagelos da história.* A pandemia da Covid-19 trouxe à tona, por algum tempo, a consciência da interdependência humana; somos uma “comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, de que só é possível salvar-nos juntos” (FT, n. 32). Colocou em xeque a compreensão de que era “suficiente a liberdade do mercado para garantir tudo” (FT, n. 33) e toda a “obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de mantê-lo só poderá provocar violência e destruição recíproca” (LS, n. 204). O princípio do ‘salve-se quem puder’ traduzir-se-á rapidamente no lema ‘todos contra todos’, e isso será pior que uma pandemia” (FT, n. 36). Sente-se que muitos cristãos esfriaram suas práticas de fé comunitária, bem como, entraram no mundo das informações virtuais. A vida comunitária se estrutura pela proximidade física que possibilita a experiência da convivência fraterna. Na comunidade, buscamos salvar-nos juntos, no mesmo barco.

i) *Sem dignidade humana nas fronteiras*. O contexto atual chama atenção para a realidade migratória, espontânea e forçada, bem como ao direito de não precisar emigrar, mas ter o direito de permanecer em sua terra com condições dignas de vida. O Papa Francisco alerta para a mentalidade xenófoba, segundo a qual “os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar da vida social como os outros, esquece-se de que eles têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa” (FT, n. 39). Na Arquidiocese de Passo Fundo, “muitas comunidades reconhecem sua origem em migrantes que não nasceram nela, mas aprenderam a caminhar juntos” (Síntese PF, nº 1). Urge, diante das novas faces da migração, potencializar o espírito de acolhida e apoio ao diferente em toda arquidiocese.

j) *A ilusão da comunicação*. As tecnologias de comunicação e as redes sociais trazem a ambiguidade da proximidade/distância e da intensidade das reações de amor/ódio: “tudo se torna uma espécie de espetáculo que pode ser espiado, observado, e a vida acaba exposta a um controle constante” (FT, n. 42). Constata-se que estes meios não substituem o contato humano e podem intensificar as posturas individualistas. “A conexão digital não é suficiente para construir pontes, não é capaz de unir a humanidade” (FT, n. 43). Em nível local, a Síntese Arquidiocesana do Sínodo propõe: “emerge a proposta da atualização das comunicações sociais da Arquidiocese e das paróquias, consistindo em utilizar, com sabedoria, o que já está disponível, com emprego de pessoal qualificado, responsável e consciente das necessidades das comunidades. A padronização dos canais de comunicação internos da Arquidiocese poderá ajudar. Porém, é preciso ter consciência de que ‘nossa fé não se mantém só no virtual’” (Síntese PF, nº 3).

k) *Agressividade despudorada*. O ambiente virtual/digital potencializou formas de agressividade “com insultos, impropérios, difamação, afrontas verbais que chegam a destroçar a figura do outro, em um desregramento tal que, se existisse no contato pessoal, acabaríamos todos por nos destruir

mutuamente” (FT, n. 44). De pano de fundo estão as ideologias econômicas e fanatismos de toda ordem. O sínodo chama a atenção para a “tensão na relação fé e vida. Há uma tendência de criticar os posicionamentos políticos de lideranças eclesiais quando se colocam em defesa dos pobres, mas quando as posturas legitimam o ‘status quo’, mesmo fundado em situações injustas, tendem a ser naturalizadas. A dificuldade de lidar com a política partidária acaba dividindo a comunidade por jogo de interesse de grupos e dificulta um diálogo franco e aberto. Neste sentido, precisamos de uma educação para a democracia e para a política, pois é necessário o envolvimento dos cristãos na política. Conforme ensina o Papa Francisco, é preciso encantar-se para a ‘melhor política’ (cf. Síntese PF, nº 6), e para “termos os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo (Fil 2,5).

1) *Informação sem sabedoria*. A prática da seleção imediatista das informações, conforme gostos particulares, faz com que se tenha o “hábito de separar imediatamente o que gosto daquilo que não gosto, as coisas atraentes das desagradáveis” (FT, n. 47). Com isso perde-se a real capacidade de escutar o outro. Repercutem-se informações, mas falta sabedoria: “A acumulação esmagadora de informações que nos inundam não significa maior sabedoria. A sabedoria não se fabrica com buscas impacientes na internet, nem é um somatório de informações cuja veracidade não está garantida. Dessa forma, não se amadurece no encontro com a verdade” (FT, n. 50). O sínodo foi uma bela experiência de escuta que já produziu frutos ao longo do próprio processo; uma constatação é de que “é grande o desejo de que as comunidades criem espaços de escuta, que deem atenção e acolhida, especialmente às vozes das mulheres, que são maioria absoluta nas pastorais e movimentos. Algumas vezes, ‘o falar é tão difícil quanto o escutar’, pois o medo do julgamento e de retaliações dificulta que se fale com franqueza e coragem” (Síntese PF, nº 1). Também é importante destacar que “em meio ao relativismo, é preciso considerar a Palavra da Igreja como digna de primazia para as comunidades de fé” (Síntese PF, nº 10).

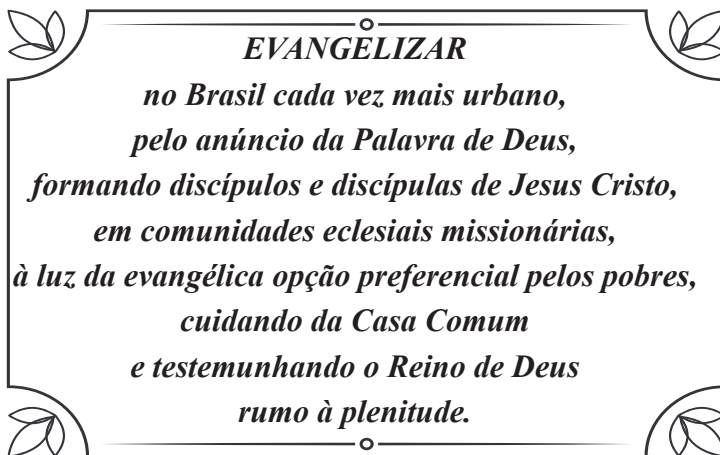
m) *Sujeições e autodepreciação*. Na lógica do colonialismo cultural, “alguns países economicamente bem-sucedidos são apresentados como modelos culturais para os países pouco desenvolvidos, em vez de procurar que cada um cresça com o seu estilo peculiar, desenvolvendo as suas capacidades de inovar a partir dos valores da sua própria cultura. Essa nostalgia superficial e triste, que induz a copiar e comprar, em vez de criar, gera uma baixa autoestima nacional” (FT, n. 51). É um processo de alienação que faz com que se percam as raízes culturais históricas.

n) *Esperança*. Como cristãos não caminhamos como derrotados e pessimistas, mas caminhamos na esperança! O mundo produz luzes e sombras, mas a fé produz esperança. O Papa Francisco nos convida à esperança que traz consigo “uma sede, uma aspiração, um anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT, n. 55). Pensar a Evangelização da arquidiocese implica em renovar a Esperança que vem do Evangelho e que está em nossos corações pela fé e pela graça que nos vêm de Jesus Cristo.

2. Objetivo da CNBB

O 18º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Passo Fundo está elaborado em sintonia com as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, ampliadas para 2025 e seguindo a tradição arquidiocesana de planejamento da prática pastoral.

O Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil é:



As Orientações da Igreja no Brasil

É nossa vocação ser comunidades missionárias, formadoras de discípulos e discípulas que promovem a paz, superam a violência, constroem pontes em vez de muros, oferecem a misericórdia de Jesus e reacendem a esperança para vencer o desânimo, as indiferenças, o egoísmo, o individualismo, as injustiças sociais. A realidade descrita acima nos motiva a potencializar este compromisso de forma planejada, articulada, vivenciada, avaliada e celebrada. O seguimento a Jesus Cristo nos leva a olhar o mundo a partir da evangélica opção preferencial pelos pobres, a fim de contribuir com a construção de um mundo com “fraternidade universal” e “amizade social”.

A imagem da CASA descrita pelas Diretrizes ajuda-nos a compreender o que é uma Comunidade Eclesial Missionária: é uma casa onde os discípulos missionários entram (acolhida) e saem (envio) para a missão. É uma comunidade que se reúne e parte para evangelizar: não é estéril, mas produz frutos de vida e solidariedade no mundo cada vez mais urbano.

Esta casa tem quatro pilares articulados entre si: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária (cf. Atos dos Apóstolos). A missão é formar comunidades e, as comunidades existem para a missão de Evangelizar, ou seja, construir o Reino de Deus. Cada pilar também se relaciona com as

urgências das Diretrizes anteriores que vigoraram por dois períodos de quatro anos, a saber 2011-2015 e 2015 a 2019: 1) Igreja em estado permanente de missão; 2) Igreja casa da iniciação à vida cristã; 3) Igreja lugar de animação Bíblica da vida e da pastoral; 4) Igreja comunidade de comunidades; 5) Igreja a serviço da vida plena para todos.

O grande apelo das Diretrizes atuais é formar “comunidades eclesiais missionárias”. Por isso, não basta ter atividades para cada um dos quatro pilares, mas é preciso pensar no todo, ou seja, na CASA. É responsabilidade, em vista o êxito da evangelização, compreender que todos os pilares precisam ser trabalhos simultaneamente e interligados. Como ser uma comunidade “lar”, “família”, “comunhão de vida”? Como criar laços de fraternidade e gestos de amor? Como colocar a Missão no coração da Igreja? Como não fazer de cada pilar uma “gaveta”, uma vez que “tudo está interligado”? Cuidar da casa/comunidade dos discípulos missionários é um grande desafio para os diversos agentes de pastoral.

O contexto sócioeclesial da Arquidiocese de Passo Fundo

Estamos inseridos socialmente num contexto de progressiva crise econômica e de desmonte das políticas públicas, que se tornaram mais intensos com a pandemia da covid-19. Este quadro, nos últimos anos, provocou desemprego elevado, precarização do trabalho, perda de direitos sociais, queda do poder aquisitivo, descuido com a nossa casa comum e aumento da insegurança alimentar. A fome voltou aos lares brasileiros. De acordo com o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (citado pelo texto base da CF 2023, nº 40), em abril de 2022, 58,1% dos domicílios brasileiros tinham algum tipo de insegurança alimentar e 15,5% conviviam com a fome – mais de 33 milhões de pessoas enfrentam a fome em nosso país. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) por insegurança alimentar compreende-se a não possibilidade de alimentar-se de forma adequada por certo período. Define-se em três estágios, a saber: insegurança alimentar leve:

ocorre quando existe incerteza sobre a capacidade para conseguir alimentos; insegurança alimentar moderada: quando a qualidade dos alimentos e sua variedade está comprometida, a quantidade ingerida se reduz de forma drástica ou ainda, diretamente, determinadas refeições não são realizadas; insegurança alimentar grave: quando não são consumidos alimentos durante um dia inteiro ou mais.

Neste contexto somos chamados a Evangelizar para anunciar o Reino de Deus que vai se efetivando na busca de uma economia a serviço da vida que cuida das pessoas e da casa comum. No dizer do Papa Francisco: “Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportadas por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar o veneno de injustiça, a fim de ganhar o mínimo para comer”. Precisamos, neste contexto, defender profeticamente o que afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual, nº 26: “é preciso tornar acessível aos seres humanos todas as coisas que necessitam para levar uma vida verdadeiramente humana, como alimento, vestuário, habitação...”

Em termos eclesiais, também sentimos que a pandemia agravou algumas situações que nossas comunidades já estavam vivendo e que foram explicitadas nas Escutas Sinodais: a mentalidade individualista e fragmentada; as dificuldades de trabalhar em equipe e de caminhar juntos a partir de um Plano; a grande falta de comunidades eclesiais nas periferias e a diminuição de pessoas nas comunidades rurais; a pouca inserção de jovens, crianças e novas lideranças e ministérios nas comunidades; a diminuição do número de seminaristas; a crise de participação e comprometimento pessoal com a Igreja, inclusive, com diminuição de pessoas e de frequência nas celebrações litúrgicas; as dificuldades de diálogo entre grupos na Igreja e, também, com outras Igrejas; as dificuldades das mídias católicas auxiliarem na formação da consciência cidadã, estimulando o exercício dos direitos e deveres, difundido

no Projeto de Jesus Cristo, o magistério da Igreja em questões estruturais da sociedade; as dificuldades de incluir nas comunidades pessoas LGBTQIA+ e as novas configurações familiares (Cf. Síntese Arquidiocesana para o Sínodo).

Da mesma forma, sentimos gratidão por sermos herdeiros de uma história de fé, esperança e amor que foi vivida e continua sendo vivenciada neste pedaço do Rio Grande do Sul que é a Igreja Particular da Arquidiocese de Passo Fundo. Neste sentido, em 2021, durante as comemorações dos 70 anos da criação da Diocese de Passo Fundo e 10 anos de sua elevação à Arquidiocese foi feito uma memória histórica de como os quatro pilares serviram e servem de fundamentos para o Povo de Deus desta Igreja particular construir a história de peregrinos, rumo à morada definitiva (remetemos ao Histórico da Arquidiocese que está publicado no site). Somos sumamente gratos a Deus por nos dar a graça da vocação que faz de cada um de nós e da Igreja toda “missão a serviço do Reino de Deus”.

As Sínteses Paroquiais e Arquidiocesana do Sínodo e os Diretórios da Arquidiocese ofereceram sugestões importantes para vivermos a nossa ação evangelizadora neste contexto sócio eclesial e, que em boa medida, estão traduzidas nas metas e nas atividades elencadas neste Plano (cf. abaixo). Na mesma linha, o Documento de Trabalho para a Etapa Continental do Sínodo 2021-2024 lança um apelo: “Alarga a tua tenda. (...) Esta tenda é um espaço de comunhão, um lugar de participação e uma base para a missão” (cf. Is 54,2). Confiando que Javé Deus não abandonou seu povo, o profeta Isaías aticava o sonho de dias melhores, com paz e justiça, já então, distante dos tempos da opressão (cf. Is 54,1-17). Da mesma forma, queremos alargar a nossa tenda porque, apesar das vicissitudes, sonhamos com dias melhores.

Olhando para frente, avistamos o Ano Jubilar. O exercício deste 18º Plano da Ação Evangelizadora corresponderá ao período de preparação e celebração do Ano Jubilar do Nascimento de Jesus Cristo (2025). Assim sendo, este Plano também se insere na programação da Igreja do mundo todo que está: 1) prolongando as escutas sinodais; 2) discernindo as escutas e as sínteses através das quatro Constituições do Vaticano II (*Sacrossanctum*

Concilium, sobre Liturgia; *Dei Verbum*, sobre a revelação divina; *Lumen Gentium*, sobre a Igreja; *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual); 3) invocando o Espírito Santo, a fim de que possamos ouvir o que o Espírito está dizendo para a Igreja no presente contexto; 4) recepcionando o espírito, a metodologia e o processo sinodal.

3. Objetivo da Arquidiocese de Passo Fundo

**Evangelizar,
na Arquidiocese de Passo Fundo,
anunciando a Palavra de Deus,
como discípulos missionários de Jesus Cristo,
vivendo fraternalmente em comunidades eclesiais
missionárias, celebrando a fé, partilhando o pão,
no compromisso com a justiça do Reino de Deus,
cuidando da Casa Comum,
a luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
na esperança da vida eterna.**

4. Vida comunitária como realização da Igreja de Cristo

Arquidiocese de Passo Fundo assumindo o compromisso evangelizador conta com a base de, aproximadamente 863 comunidades eclesiais missionárias. São lugares próprios para iniciação à vida cristã, celebração da fé, convivência fraterna e comprometimento social.

A tradição cristã nasceu e se fortaleceu centrada na vida comunitária, como expressa o livro Ato dos Apóstolos: “eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). O texto também relata as consequências da vivência do princípio de vida comunitário que tinha como elemento agregador a profissão da fé cristã: “todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em

comum, vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2,44).

A expressão comunidade se origina do termo latino *communitas*, grupo de pessoas que partilham de algo que lhes é comum e isto lhes dá uma identidade coletiva. Também podemos compreender a partir da expressão *ekklesia*, assembleia reunida na fé. Teologicamente a palavra comunidade significa a união íntima ou a comunhão das pessoas entre si e delas com o Deus Trindade. Essa comunhão se realiza fundamentalmente pelo Batismo e pela Eucaristia (CNBB Doc. 100⁵, 170).

A comunidade, constituída por homens e mulheres unidos pela fé, é a expressão visível da Igreja. Cabe lembrar que a tarefa dos primeiros cristãos compreendia, como processo posterior ao anúncio do Evangelho (querigma), a constituição de comunidades que se tornavam espaços para viver a experiência cristã em lugares muitas vezes marcados pela adversidade e perseguições, mas também pela alegria, compromisso e partilha.

A opção pela fé cristã e a participação na comunidade implicavam em uma mudança profunda na vida da pessoa e tal mudança fortalecia a própria comunidade, desafiada a ser um sinal do Reino anunciado por Jesus. Assim, a comunidade participa da vida divina na partilha da vida fraterna ao comungar na mesma mesa, ao professar a mesma fé recebida dos apóstolos ao testemunhar a caridade que revela o amor salvífico de Deus para a humanidade (CNBB Doc. 100, 170).

A comunidade é o lugar da expressão coletiva da fé. Mesmo que a opção de fé seja individual e intransferível, vai se expressar e se fortalecer na vida comunitária. A própria manifestação de Deus se dá seguindo o princípio comunitário, sendo a grande inspiração para os cristãos. Deus age no mundo como Pai e Filho e Espírito Santo e convida cada ser humano a tomar parte desta comunidade constituída perfeita porque é desejo divino que todos participem desse amor. Tal proposta se concretiza na comunidade humana

5 Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia. Documento 100 da CNBB.

segundo o desafio de acolher as diferenças e dons, colocados a serviço do evangelho. A participação na comunidade é uma expressão consistente de fé e tal participação supera a inserção segundo critérios pragmáticos.

A Comunidade é o lugar da oração. Bem lembrava o Papa Francisco que a Igreja não pode dispensar o pulmão da oração (EG 262). Assumindo este princípio, ela segue Jesus, um homem de oração que rezava em diferentes momentos (Lc 6,12; Mc 14,32; Mt 14,23; Mt 19,13) e sugeria a atividade orante para os seus seguidores (Mt 6,9; Mc 14,38; Lc 6,28); acolhe a tradição dos primeiros cristãos que rezavam constantemente e em diversas situações: na adversidade (At 4,31; 12,5 12,12); antes da tomada de decisões (At 1,24; 6,6) como intercessão (At 8,15; 12,5; 2Ts 3,11; Tg 5,16), entre outras. A oração se expressa comunitariamente de forma densa na Celebração Eucarística. Ela é o lugar privilegiado para a Igreja escutar a voz do Senhor (CNBB Doc. 100, 180) e reavivar a esperança de continuar testemunhando Cristo no mundo. Sem a oração a comunidade se fragiliza. É necessário oportunizar momentos diferenciados para que a comunidade se reúna para rezar, de preferência semanalmente, priorizando a celebração da Palavra e da Eucaristia articulando com os horários propícios.

A Comunidade é a casa da caridade seguindo o testemunho de Jesus Cristo, que passou pelo mundo fazendo o bem. Os seguidores de Jesus, sob a inspiração do Espírito Santo, assumiram este princípio desde o início da tradição cristã (At 6, 1-6; 1Cor 13, 13). Ao longo dos anos, a Igreja foi consolidando esta dimensão que lhe é constitutiva e se expressa através do compromisso de cada batizado, cada membro da comunidade que assume o compromisso social promovendo a justiça e os direitos humanos, numa evangélica opção pelos pobres e na prática da ética do cuidado com todos os necessitados da sociedade (CNBB Doc. 100, 183). A caridade a partir da comunidade é expressão profunda do amor cristão, compreendendo que todo o ser humano tem o direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente (FT, n. 102) e não é possível estarmos tranquilos quando existe fome e miséria no mundo. A vida comunitária segundo o princípio cristão

provoca a pessoa a fazer-se próxima do outro, sobretudo os que estão caídos à beira do caminho para exercer o compromisso misericordioso e samaritano.

A Comunidade é permanentemente desafiada a exercitar a partilha. A provocação de Jesus aos discípulos, que queriam fugir à responsabilidade diante da fome afirmando “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), se amplia para outras realidades. Partilhar na perspectiva individual é fugir à tentação de construir a vida dentro de uma redoma egoísta, para ir ao encontro do outro enriquecendo-se com esta experiência. Na perspectiva comunitária se dá o mesmo princípio. A comunidade que se abre à partilha se enriquece e fortalece. Temos exemplos significativos da tradição cristã de experiências de entreaajuda (Rm 15,26; 1Cor 16,26); mas também a partilha acontece com as orações, quando rezamos umas pelas outras, exercitando a intercessão fraterna. Como diz o canto: “nós recebemos tantos dons para partilhar e como é bom poder servir e trabalhar” (Livro Aleluia! Cantos e Orações)

A Comunidade assume o compromisso missionário. É uma dimensão importante da trajetória de fé vivida em comunhão com a Igreja que é missionária por natureza, pois se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai (AG⁶ 2). No compromisso missionário há de se superar o aspecto paternalista e assistencialista fundado no princípio de quem tem dá. A missão é troca de dons. É também um caminho vivo de fortalecimento na fé das comunidades e das pessoas envolvidas.

A comunidade como modo de ação é o lugar da sinodalidade. Quem vive em comunidade tem esta espiritualidade do envolvimento, da participação nas decisões, nos encaminhamentos e assume as responsabilidades. A sinodalidade faz parte da dinâmica da Igreja e é responsável pela mudança de paradigma que o Concílio Vaticano II prevê quando anuncia que a Igreja é o corpo místico de Cristo no mundo formada por diferentes carismas, ministérios, graus diferentes do sacramento da ordem, a vida consagrada e seus diferentes modos de viverem a fraternidade, e os fiéis leigos que estão inseridos nas diversas realidades do mundo civil. Nesta multiplicidade de dons

6 Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja. 7 de Dezembro de 1965.

e carismas que compõem o corpo eclesial, o mistério de Deus se evidencia no mundo quando todos assumem seu lugar na Igreja. E isto é próprio da sinodalidade.

A comunidade é o lugar para que se viva a subsidiariedade no sentido de corresponsabilidade pela missão evangelizadora e também, na medida em que oferece condições humanas, materiais, pastorais, espirituais e econômicas para que seus membros tenham condições de realizar sua missão, mas ajudem também outras instâncias e, por sua vez, recebam ajudas necessárias para dar conta deste compromisso. Além de propor um planejamento pastoral, é necessário que se criem condições e estratégias para que o mesmo se efetive nas diversas realidades da arquidiocese.

A vida comunitária é graça, dom e compromisso. Deus, no seu desígnio amoroso, deu à humanidade as condições de cultivar a fé através desse meio de comunhão humana. Aos batizados, mergulhados na fé cristã, é dada esta oportunidade. É compromisso porque na vida comunitária a pessoa humana compreende-se como ligada a outras pessoas pela mesma fé e isto lhe traz, pela participação, alguns deveres que não são jugo pesado e difícil de carregar (Mt 11,25) mas meio de amadurecimento na fé para que juntos, no mesmo barco, todos se salvem.

O 18º Plano de Pastoral Arquidiocesano, construído coletivamente, manifesta um carinho muito especial pelas 863 comunidades eclesiais missionárias espalhadas nos 47 municípios e 53 paróquias da Arquidiocese de Passo Fundo. Em nossa porção da *casa comum*, queremos continuar a missão evangelizadora firmados sobre a rocha da Palavra de Deus (Mt 7,21), alimentados pela Eucaristia e em profundo diálogo com a realidade que nos desafia. Por isso, o 18º Plano de Pastoral é um presente que o planejamento pastoral da Arquidiocese oferece para que todos os batizados sustentem os compromissos que brotam da fé em Jesus Cristo.

5. Pilares da comunidade cristã

PILAR DA PALAVRA

“Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos” (At 2,42).

A Palavra de Deus é o fundamento do agir da Igreja e sustenta a missão evangelizadora. Em vista da sua importância é necessário que as comunidades eclesiais renovem o compromisso de se deixarem guiar pela Palavra, adotando diferentes iniciativas, criando proximidade das pessoas com esta, que é dom de Deus para o bem da humanidade.

Objetivo	Conhecer, anunciar, celebrar e praticar a Palavra de Deus no mundo atual.	
Meta 1	Atividades	Responsabilidade
Conhecimento da Palavra de Deus	Incentivar constantemente a formação bíblica em todas as paróquias, especialmente no mês de setembro, voltado às lideranças, pastorais, movimentos e comunidade.	Clero, CPPs
	Realizar cursos de extensão em Teologia (presencial ou online) na Arquidiocese, com assessoria. Incentivar o estudo do Bacharelado em Teologia (curso ou disciplina)	Coordenação de Pastoral, Animação Bíblica Catequética, CPPs
	Fortalecer e aprimorar a catequese segundo o espírito da Iniciação à Vida Cristã nas comunidades, com atenção especial à formação de catequistas e leitura Orante da Bíblia.	Animação Bíblica Catequética
	Proporcionar encontros formativos a partir da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja para comunicadores que atuam nas mídias da Igreja.	Animação e PASCAM
	Realizar em cada Paróquia um estudo sobre a Dei Verbum.	CPPs

Meta 2	Atividades	Responsabilidade
Anúncio da Palavra de Deus	Realizar em cada Paróquia Catequese Batismal, conforme a orientação do Diretório Arquidiocesano e usando o subsídio da Arquidiocese.	CPPs, Catequistas do Batismo
	Aprofundar com os presbíteros e diáconos permanentes a importância das homilias como momentos de catequese comunitária.	Pastoral Presbiteral
	Publicar artigos sobre a Bíblia e a Dei Verbum no site da Arquidiocese.	Clero, Coordenação de Pastoral e PASCUM
Meta 3	Atividades	Responsabilidade
Celebração da Palavra de Deus	Formação teórica e metodológica para o Ministério da Palavra.	Coordenação de Pastoral, párocos e CPPs, Áreas Pastorais
	Retomar as celebrações dominicais da Palavra de Deus nas comunidades onde já existia e iniciar as celebrações dominicais da Palavra de Deus com os Ministros da Palavra nas comunidades onde existe esta carência.	Clero e CPPs
	Criar condições de logística para que os ministros da Palavra possam exercer a missão (materiais, transporte...).	Párocos e CPPs

PILAR DO PÃO

“Eram perseverantes no partir o pão e nas orações” (At 2,42).

A Liturgia, em especial a Eucaristia, é fonte e o ápice da vida da Igreja. Também o elemento identitário e congregador dos católicos. As comunidades eclesiais são convidadas a mergulhar cada vez mais no Mistério celebrado aliando sobriedade, simplicidade e profundidade, não deixando de buscar a formação constante em vista do bom testemunho. São convocadas a exercitarem com humildade a acolhida de novos membros que são chamados a se inserirem e viverem a vida comunitária através da graça do encontro mistagógico e celebrativo.

Objetivo	Fazer da Liturgia o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, fonte donde emana toda sua força.	
Meta 1	Atividades	Responsabilidade
Compreensão da liturgia a partir do Vaticano II	Realizar nas áreas, paróquias, pastorais e movimentos estudos sobre a Sacrosanctum Concilium.	Equipe Arquidiocesana de Liturgia, clero e Equipes paroquiais
	Escrever textos formativos sobre a SC para serem divulgados nas mídias sociais.	Clero, Equipe Arquidiocesana de Liturgia
Meta 2	Atividades	Responsabilidade
Estudo da 3ª Edição do Missal Romano	Estudar com o clero e com as Equipes de Liturgia a 3ª edição do Missal.	Pastoral Presbiteral, Equipe Arquidiocesana e paroquiais de liturgia
Meta 3	Atividades	Responsabilidade
Estudo da 3ª Edição do Missal Romano	Estudar os rituais dos sacramentos e sacramentais oriundos da Reforma Litúrgica, educando para a ritualidade.	Equipe Arquidiocesana de liturgia, CPPs
Meta 4	Atividades	Responsabilidade
Celebrações das entregas da IVC	Aprofundar a teologia e a ritualidade com catequistas e pais sobre as entregas dos símbolos da IVC.	Pároco e coordenação paroquial de IVC, Equipes de liturgia
	Preparar com os catequizandos as entregas.	Pároco e coordenação paroquial de IVC
	Celebrar as entregas, preferencialmente em comunidade durante as celebrações dominicais.	Pároco e coordenação paroquial de IVC
Meta 5	Atividades	Responsabilidade
Fortalecimento da Pastoral Litúrgica	Formar e fortalecer as Equipes de Liturgia e proporcionar-lhes formação litúrgica nas áreas pastorais.	Equipe Arquidiocesana, Áreas pastorais e paroquiais de liturgia
	Preparar zelosamente as liturgias e capacitar para o exercício dos ministérios na liturgia.	Equipe Arquidiocesana e paroquiais de liturgia

	Dar continuidade aos ensaios de cantos a partir do Livro Aleluia: cantos e orações.	Equipe Arquidiocesana e paroquiais de liturgia
Meta 6	Atividades	Responsabilidade
Incentivo à piedade popular	Valorizar o testemunho de fé dos padroeiros com tríduos ou novenas.	CPPs e Equipe paroquial de liturgia
	Proporcionar aos membros da comunidade a celebração litúrgica do padroeiro.	CPPs e Equipe paroquial de liturgia
Meta 7	Atividades	Responsabilidade
Celebrar as solenidades e festas litúrgicas	Oferecer horários adequados e diversificados para as celebrações das Solenidades e Festas da Igreja, celebrando na matriz, e se, possível em mais comunidades.	CPPs e equipes paroquiais de liturgia
Meta 8	Atividades	Responsabilidade
Celebração da Padroeira	Celebrar a Padroeira da Arquidiocese de Passo Fundo, Nossa Senhora Aparecida, com novenas, peregrinação da Imagem e Romaria Arquidiocesana, envolvendo mais as paróquias.	Reitor do Santuário, Coordenação de Pastoral

PILAR DA CARIDADE	
“Eram perseverantes na comunhão fraterna”. (At 2, 42)	
A caridade é parte da identidade da Igreja. É também a sua essência porque realiza o mandado de Jesus, estando atenta ao cuidado com a vida, sobretudo a vida ameaçada e fragilizada. Pelo serviço da Caridade a Igreja assume o mandamento do amor na prática misericordiosa (Lc 10,25-37), a partir da opção preferencial pelos pobres, que é intrínseca à fé cristã.	
Objetivo	Promover o testemunho eclesial da caridade, da justiça e da paz, na defesa da integridade da pessoa humana e da criação a serviço da vida plena para todos (cf. Jo 10,10).

Meta 1	Atividades	Responsabilidade
Retomada histórica da ação social na Arquidiocese	- Fazer uma retomada da história das Pastorais Sociais na (Arqui) Diocese de Passo Fundo; divulgar no site da Arquidiocese e encontros; - Sistematizar a história de pessoas referenciais na atuação das Pastorais Sociais da Arquidiocese	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais
Meta 2	Atividades	Responsabilidade
Formação para a atuação sóciotransformadora da fé	- Formação sobre a Doutrina Social da Igreja; - Formação sobre Fé e Política, tomando por base a DSI e o Magistério da Igreja - Formação sobre a Economia de Francisco e Clara - Fazer parcerias com outras instituições em sintonia com a Igreja para a formação - Seminários da Campanha da Fraternidade	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais, Movimentos Eclesiais, Áreas Pastorais
Meta 3	Atividades	Responsabilidade
Formação para a atuação sóciotransformadora da fé	- Acompanhar e fortalecer as pastorais e os movimentos sociais já existentes na Arquidiocese através de reuniões, formações e encontros periódicos de articulação;	Coordenação de Pastoral
	- Divulgar as ações sociais da Arquidiocese nas Paróquias e meios de comunicação;	PASCOM
	- Articular o diálogo das pastorais sociais com movimentos sociais através de encontros e ações conjuntas;	Pastorais Sociais

	- Criar novas pastorais sociais de acordo com as necessidades	Coordenação de Pastoral
	- Promover ações para o Dia Mundial dos Pobres nas paróquias e na Arquidiocese;	Pastorais Sociais, CPPs
	- Organizar e aprofundar as ações sócioeclesiais nas comunidades de periferias; - Fortalecer em cada Paróquia o compromisso com a caridade organizada em diálogo e articulação com outras instituições civis.	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais, Cáritas
	- Incentivar e formar agentes para a participação nos Conselhos Paritários; manter o contato com o Poder Público em vista da defesa dos Direitos Sociais;	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais, Cáritas
	- Realizar uma Semana Missionária Social em toda a Arquidiocese com diversidade de eventos; - Retomar e fortalecer a CPT e a mobilização em torno da Romaria da Terra	CPP, CAE, párocos,
	- Refletir sobre a função da Pastoral do Dízimo e a sua função caritativa na Igreja	Pastoral do Dízimo
Meta 4	Atividades	Responsabilidade
Cuidado com a casa comum	- Formação para defesa da vida e da Casa Comum; - Incentivar os projetos já existentes e criar projetos para recuperar a natureza (refletir sobre fontes d'água, banhados, corredor ecológico...) e a alimentação saudável;	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais, CPPs

	- Articular apoio técnico em vista da ampliação de projetos tais como: sementes crioulas; horto medicinal.	Pastoral da Saúde
	- Valorizar e fomentar as Feiras Ecológicas	Cáritas, CPPs
Meta 5	Atividades	Responsabilidade
Atenção às carências existenciais	- Ser presença pastoral nas áreas indígenas, junto aos quilombolas, às periferias e ao povo da rua;	Coord. de Pastoral, Pastorais Sociais, CPPs
	- Acompanhamento dos pequenos agricultores	Pároco, CPPs
	- Promover pessoas que se coloquem na prática da escuta, do auxílio fraterno de pessoas em estado de sofrimento psíquico.	Pastoral da Saúde
	- Promover encontros de reflexão sobre a justiça restaurativa e mediação de conflitos.	Pastoral Carcerária e da Educação
Meta 6	Atividades	Responsabilidade
Voluntariado	- Incentivar e formar pessoas para o voluntariado nas comunidades e na sociedade	CPPs

PILAR DA MISSÃO

“E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação” (At 2,47).

O Decreto Conciliar *Ad Gentes* afirma: “Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). A atividade missionária é constitutiva da Igreja de Cristo. É a oportunidade de viver a sua identidade e oportunizar à humanidade o encontro com Jesus Cristo dando uma alegria para a vida inteira (EG 1). E a finalidade deste pilar é permitir que o Evangelho da Alegria chegue aos critérios fundamentais da convivência humana. Como diz São Paulo VI na *Exortação Evangelii*

Nuntiandi: para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN 19).

Objetivo	Viver a missão em Comunidades Eclesiais através do testemunho e anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, pois “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor, ao nos chamar e nos eleger, nos confiou” (Dap 18).	
Meta 1	Atividades	Responsabilidade
Ampliação e qualificação da presença eclesial nas periferias	Conhecer e entender as realidades de periferia das cidades da Arquidiocese.	Coord. de Pastoral, Pastorais Sociais, CPPs
	Refletir e concretizar iniciativas de ampliação e qualificação da presença eclesial nestes espaços de vida, como Celebração da Missa nas casas.	Párocos
	Valorizar as pastorais de fronteira e de cunho missionário como carcerária, criança, migrantes, caritas, idosos, etc.	Coordenação de Pastoral e Pastorais Sociais
	Descentralizar, de maneira gradativa, as ações da comunidade matriz, realizando encontros, celebrações, reuniões nas comunidades dos bairros e interior.	CPP
Meta 2	Atividades	Responsabilidade
Missões <i>ad gentes</i>	Incentivar o Projeto do Regional Sul 3 da CNBB em Moçambique pela coleta de Pentecostes e com a possibilidade de enviar missionários.	Coordenação de Pastoral e COMIDI

	Refletir e elaborar materiais sobre a identidade missionária da Igreja.	Coordenação de Pastoral e COMIDI
	Celebração do mês missionário nas paróquias e comunidades. - Promover a valorização étnica das culturas dos migrantes na Arquidiocese	Coordenação de Pastoral e COMIDI Pastoral das Migrações
Meta 3	Atividades	Responsabilidade
Presença mais efetiva junto às universidades, escolas, trabalhos, representações	Fortalecer da Pastoral da Educação, nos seus quatro setores.	Coordenação de Pastoral, Pastoral da Educação e Congregações religiosas com institutos de educação na Arquidiocese
	Formação sobre o Pacto Educativo Global nos diferentes níveis de profissionais da educação.	
	Manter parceria com os ambientes educacionais para poder realizar formações, celebrações, vivências entre outros.	
	Formar novas comunidades eclesiais em novos ambientes de evangelização.	
Meta 4	Atividades	Responsabilidade
Missão nos meios de comunicação	Realizar inserções catequéticas nos meios de comunicação, rádio, internet, redes sociais... Articular a Pastoral da Comunicação na Arquidiocese.	Coordenação de Pastoral, PASCOM
	Divulgação da reflexão e orientação dos diretórios.	PASCOM
Meta 5	Atividades	Responsabilidade
Jovens	Acompanhar, orientar e fortalecer as pastorais e movimentos juvenis.	Setor Juventude, grupos e movimentos juvenis
	Integrar jovens nos CPP.	CPPs

	Aprofundar a compreensão da <i>Christus Vivit</i> para o acompanhamento dos jovens.	Serviço de Animação Vocacional
Meta 6	Atividades	Responsabilidade
Família	Preparar pessoas, preferencialmente casais, para a catequese matrimonial.	Clero, CPPs, Coordenação de Pastoral, Área Pastoral
	Acompanhar, discernir e orientar os movimentos de casais.	Movimentos e serviços de evangelização familiar
	Valorizar e fortalecer as celebrações referentes à família: Semana da família, bodas, sacramento do matrimônio, noivado	Movimentos e serviços de evangelização familiar
	Aprofundar a compreensão da Exortação Apostólica <i>Amoris Laeinitia</i> .	Pastoral Familiar
	Organizar a Pastoral Familiar.	Coordenação de Pastoral
	Acompanhar as famílias que vivem as situações especiais	Clero, CPP, Pastoral Familiar
Meta 7	Atividades	Responsabilidade
Idosos	Fortalecer o acompanhamento das pessoas idosas nas diferentes situações	Clero, CPPs, Pastoral da Pessoa Idosa
Meta 8	Atividades	Responsabilidade
Vocações	Organizar Equipes Vocacionais nas paróquias.	Clero, CPPs, Serviço de Animação Vocacional
	Integrar a Pastoral Vocacional nas ações evangelizadoras.	Clero, CPPs, Serviço de Animação Vocacional
	Acompanhar, orientar e discernir os jovens na busca vocacional.	Clero, vida religiosa consagrada, Serviço de Animação Vocacional

Meta 9	Atividades	Responsabilidade
COMIDI, COMIPA	Criar ou fortalecer nas paróquias os COMIPAS Criar e fortalecer a Infância e Adolescência Missionária e/ou Coroinhas nas paróquias	Párocos, CPPs

Observações sobre o 18º Plano Arquidiocesano de ação evangelizadora

- 1- O Plano é o referencial da ação evangelizadora para os próximos anos e envolverá paróquias, pastorais, serviços, movimentos ...
- 2- Algumas demandas expressas no Plano deverão ser assumidas pelas pastorais e movimentos de esfera arquidiocesana diretamente envolvidos com o cumprimento das metas com articulações próprias.
- 3- O Plano também contém responsabilidades e demandas que dizem respeito aos Conselhos de Pastoral Paroquial devido à sua importância como instância que articula ação evangelizadora nas paróquias.

Cronograma de trabalho

2023

A partir de abril de 2023: cada Paróquia começa o processo de elaboração do seu Plano em sintonia com o Plano Arquidiocesano.

A partir de abril de 2023: cada área pastoral organiza a realização das atividades do Plano das quais é responsável, tendo como sugestão a realização de uma ação conjunta por pilar a cada ano.

Final de 2023 – avaliar nas Áreas Pastorais como está a execução do Plano Arquidiocesano e da Área e que passos precisam ser dados.

2024

Metade de 2024 – Avaliar como está a prática do Plano nas Paróquias

Final de 2024 – Avaliar como está em um Encontro na Arquidiocese...

2025

- Realizar as programações e Celebrações jubilares em diversos níveis

2026

Avaliar o Plano na Paróquia, na Área e na Arquidiocese e constituir uma Equipe para iniciar a elaboração do 19º Plano.



ORAÇÃO DA COMUNIDADE

Senhor, te peço pela nossa comunidade,
 para que nos conheçamos melhor, e assim haja mais amor.
 Para que crescamos na fé, e assim haja mais confiança.
 Para que haja mais unidade.
 Para que nos respeitemos, e assim haja mais compreensão.
 Para que nos ajudemos, e assim Cristo seja servido.
 Para que haja amor sincero, e assim o Cristo esteja presente.
 Para que, no fim de todos os caminhos, além de todas as bu
 no final de cada di ssão, depois de cada encontro,
 nunca haja vencidos, mas sempre irmãos.
 E assim estaremos construindo, desde agora, o nosso céu. A

Nossa Senhora Aparecida

PADROEIRA DA ARQUIDIOCESE DE PASSO FUNDO

